

## SOLIDARIEDADE NA PANDEMIA | DAS REDES PARA AS RUAS <sup>1</sup>

*Solidarity in pandemia | from networks to streets*

**GUERRA, Juliana de Farias Pessoa <sup>2</sup>**

**Resumo:** A crise provocada pelo novo coronavírus constitui um fenômeno global que tem mobilizado instituições locais, nacionais e internacionais. No cenário local, organizações realizam ações de solidariedade para mitigar os efeitos sociais decorrentes da pandemia. Populações vulnerabilizadas, como as de rua, se encontram em condições tão insalubres que tornam impossível a realização os cuidados sanitários de prevenção à Covid-19. Esse sofrimento tem despertado o sentimento de solidariedade que se transformou em ações de ajuda coletiva. Um dos destaques é o Coletivo “Unificados Pela População em Situação de Rua”, que atua na Região Metropolitana do Recife. Numa sociedade em que as transformações sociais na contemporaneidade deixaram em segundo plano o vínculo social, valorizando a racionalidade utilitarista, a noção de solidariedade contrasta com a hegemonia da doutrina neoliberal. Para lançar luz para a importância da solidariedade na formação dos laços sociais diante da pandemia, faz-se necessário o aporte do pensamento antiutilitarista e do paradigma da dádiva.

**Palavras-chave:** Dádiva. Covid-19. Pandemia. Solidariedade.

**Abstract:** The crisis caused by the new coronavirus is a global phenomenon that has mobilized local, national and international institutions. In the local scenario, organizations carry out solidarity actions to mitigate the social effects resulting from the pandemic. Vulnerable populations are in unsanitary conditions that make it impossible to carry out preventive health care for Covid-19. This suffering has aroused the feeling of solidarity that has turned into actions of collective aid. One of the highlights is the collective “Unified for Street People”, which operates in the Metropolitan Region of Recife, Brazil. In a society in which contemporary social transformations have relegated social ties to a secondary role, valuing instead a utilitarian rationality, the notion of solidarity contrasts with the hegemony of neoliberal doctrine. To shed light on the importance of solidarity in the formation of social ties in the face of the pandemic, it is necessary to add anti-utilitarian thinking and the gift paradigm.

**Keywords:** Gift. Covid-19. Pandemic. Solidarity.

---

<sup>1</sup> Recebido em: 15 Ago. 2020 | Aceito em: 20 Out. 2020.

<sup>2</sup> Doutora em Sociologia pelo PPGS/UFPE e docente da Faculdade Pernambucana de Saúde.

## **Introdução**

A pandemia do novo coronavírus tem mobilizado na cidade do Recife, localizada no Nordeste do Brasil, diversos grupos em prol de ações para ajudar o próximo, especialmente às populações em vulnerabilidade social. Sem domicílio, sem uma alimentação adequada e com dificuldades para realizar a higiene pessoal, a população em situação de rua ficou ainda mais vulnerável durante a pandemia imposta pela Covid-19. É neste cenário que organizações e movimentos populares estão realizando ações de solidariedade, desde o início da quarentena, em março de 2020. Um dos destaques é o Coletivo “Unificados Pela População em Situação de Rua”, que hoje reúne mais de 500 voluntários atuando nas ruas do Recife, em três turnos, e beneficiando mais de mil indivíduos em situação de rua.

O sofrimento causado por crises, como epidemias e guerras, desperta o sentimento de solidariedade que se transforma em ações concretas de ajuda coletiva. Uma pandemia como a que estamos enfrentando tem afetado fortemente pessoas em situação de vulnerabilidade social. Inúmeras populações vulnerabilizadas, como os indígenas, os presos, os negros, os que vivem em situação de rua, encontram-se em condições extremamente insalubres que tornam impossível para elas realizar os cuidados sanitários fundamentais de prevenção à Covid-19. Socialmente desassistidos, sem saneamento básico ou que dormem ao relento, são as mais afetadas.

Algumas características da chamada nova ordem mundial, como o desenvolvimento do capitalismo, a urbanização acelerada e a hegemonia neoliberal, têm produzido um aumento considerável da exclusão social, o que suscita rupturas sociais capazes de comprometer os princípios de uma sociedade democrática (Vieira et al, 2010). Em meio ao colapso da saúde global e ao modelo econômico vigente, a pandemia do coronavírus no Brasil tem exposto a fissura de uma sociedade excludente, onde é negado o acesso à saúde e às medidas de prevenção. A população de rua sequer entra nas

estatísticas demográficas da doença, cuja unidade de medida do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) é o domicílio<sup>3</sup>.

Essa conjuntura tem exposto, desde o início da pandemia, um modelo social produtivista que compreende a vida como um processo de consumo e de descarte. A necropolítica<sup>4</sup> no Brasil, que mata em função de políticas neoliberais, subfinanciamento do Sistema Único de Saúde e redução dos investimentos sociais, chega principalmente àqueles mais desassistidos socialmente. E continuará matando se as políticas públicas de proteção social que respeitem o direito à saúde não forem implantadas emergencialmente<sup>5</sup>. A expressão máxima da soberania reside no poder e na capacidade de ditar quem pode viver e quem deve morrer. Aqui, a soberania define quem importa e quem não importa, quem é descartável e quem não é (Mbembe, 2018). No Brasil, o número de mortes por Covid-19 é bem maior nas populações socialmente desfavorecidas e usuária do SUS.

Quando o Estado não garante à população seus direitos por lei (moradia, saneamento e saúde), atores sociais solidários mitigam essas lacunas, especialmente em momentos de emergência, como a que estamos vivenciando com a pandemia. Vimos diariamente nos noticiários locais e nacionais ações solidárias em todo o país. Ao mobilizar a sociedade pelo cumprimento dos direitos fundamentais, a solidariedade viabiliza a saída das crises humanitárias e o caminho de superação dos sofrimentos, constituindo assim um catalisador de ações positivas que leva os indivíduos a saírem do próprio egoísmo em direção ao outro. O estilo de vida insustentável e praticado pela sociedade contemporânea destaca a necessidade de mudança de paradigma, sobretudo no que diz respeito às questões de convivência e formação de laços sociais. Desta forma, a solidariedade que emerge no enfrentamento à Covid-19 tem assumido uma dimensão

---

<sup>3</sup> Brasil. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome (MDS). *Pesquisa Nacional sobre População em Situação de Rua*. Brasília: MDS; 2008.

<sup>4</sup> Ao discorrer sobre o termo necropolítica, Achille Mbembe (2018) se propõe a discutir as políticas da morte como uma macroestrutura operante em países colonizados, e seu funcionamento através da soberania que gerencia morte.

<sup>5</sup> Em 08 de agosto de 2020, o Brasil atingiu a marca de 100 mil mortos por Covid-19. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/infograficos/saude,brasil-chega-a-100-mil-mortes-por-covid-entenda-o-que-pode-evitar-tragedia-maior.1110077>. Acesso em: 10 Ago 2020.

política na garantia de direitos fundamentais, podendo romper com o paradigma predominante do individualismo.

Embora seja um conceito fundante da sociologia, a solidariedade ocupou durante décadas um lugar secundário no debate das ciências sociais. As transformações sociais na contemporaneidade, que deixaram em segundo plano o vínculo social, valorizaram a racionalidade utilitarista (Caillé, 2001). Porém, essa perspectiva hegemônica não “extinguiu a necessidade humana fundamental de um impulso de afeição e espontaneidade nos relacionamentos com os outros.” (Elias, 1994, p.34). Isso coloca em questão a própria noção de solidariedade em contraste com o pensamento racional-utilitarista e a doutrina neoliberal. A economia mercantil é uma cultura de poder limitador a recriação de outros paradigmas que valorizem laços e relações como a convivialidade e solidariedade. O cotidiano da sociedade globalizada continua estimulando o desempenho do consumo, do cálculo utilitário que leva os agentes sociais a fugir das normas jurídicas e coletivas, a continuar maximizando seus papéis de calculadores de lucros e perdas (Martins, 2017).

A vida cotidiana na sociedade globalizada continua estimulada menos pela solidariedade e pela amizade e mais pelas atuais formas do consumo e do cálculo utilitarista que estão sendo exacerbadas pelo neoliberalismo do que pela solidariedade. (Martins, 2017, p.48)

A crítica antiutilitarista sugere que a redução da racionalidade científica a equações matemáticas de soma e diminuição de bens e serviços, sem considerar a complexidade subjetiva, emocional, sentimental e cognitiva de cada ser humano, é uma simplificação teórica problemática (Caillé e Chanial, 2016). É arriscado reduzir as motivações ao egoísmo e concluir que todo ser humano funciona por interesses individualistas sem considerar que também vivemos de dons, de ações desinteressadas, de amor gratuito, de obrigações mutuamente aceitáveis, de liberdade de viver e compartilhar, enfim, que só vivemos relacionalmente (Martins, 2017). É importante, pois, refletir sobre formas diferentes de convívio na contemporaneidade.

Para lançar luz para a importância da solidariedade na formação dos laços sociais na atualidade, sobretudo em um momento de isolamento social imposto por uma pandemia que ameaça a humanidade, faz-se necessário o aporte do pensamento

antiutilitarista, tradição da escola francesa de sociologia fundada por Emile Durkheim, que conceituou um modo particular de regulação social dos vínculos a partir de uma representação organicista da solidariedade. Nesse artigo, colocaremos a solidariedade em perspectiva, a partir da formação do vínculo solidário diante da pandemia provocada pelo novo coronavírus entre os atores do Coletivo “Unificados Pela População em Situação de Rua”. Para tanto, será utilizado o paradigma da Dádiva (Mauss, 2006), um sistema teórico baseado na tríplice obrigação de dar-receber-retribuir. A criação de laços, a partir da solidariedade, implica em um processo de circulação de dádivas, cuja dimensão moral confere sentido às relações sociais. É preciso reconhecer a força dessa teoria para tentar entender as diferentes configurações de vínculos na sociedade contemporânea.

### **Solidariedade em perspectiva da dádiva**

A solidariedade é considerada por Durkheim (2008, p. 31) um “fato social”, que na definição do próprio autor “é um fenômeno totalmente moral, que, por si, não se presta a observação exata, nem à medida”. Na visão durkheimiana, qualquer princípio individual social é produto da sociedade. A solidariedade seria, assim, um elemento fundamentalmente do constructo social, produzido socialmente e encarnado nas ações sociais gerais. Podemos pensar, destarte, que o sentimento de solidariedade se manifesta no âmbito da liberdade, e esta se manifesta na reciprocidade, evocando uma espécie de comprometimento ético do dever em sociedades e comunidades plurais.

A fim de promover os fundamentos de uma moral de solidariedade coletiva que possa regulamentar as tendências de expansão do egoísmo na contemporaneidade, é necessário aprofundar os estudos sobre a dádiva/dom (Martins, 2017). O vínculo social criado pelas ações solidárias do coletivo fundado no Recife em benefício da população de rua joga luz para a reflexão acerca de novas configurações de sociabilidade que vai além do pensamento hegemônico. Porém, a crítica à racionalidade utilitarista é complexa na medida em que existem diferentes registros do utilitarismo: o prático, refletido no utilitarismo economicista que prega a satisfação primeira de interesses egoístas materiais; o teórico, que propõe serem todos os homens egoístas e calculistas por

natureza; e o normativo, que vincula o ideal de justiça à satisfação do maior número de indivíduos (Caillé, 2001).

Na contemporaneidade, o resgate de valores não utilitaristas nas Ciências Sociais e a importância da dádiva e da solidariedade no mundo atual se deu com o surgimento do *M.A.U.S.S.* e sua revista, *Revue du MAUSS* na década de 1980 (Caillé, 2002). A crítica ao utilitarismo coloca a hegemonia da doutrina racional-utilitarista para além do comportamento do homem frente ao mercado, mas para toda a ação humana, sobretudo na formação de laços sociais. Nesse contexto, a solidariedade tem sido apontada como elemento fundamental na formação dos laços sociais na contemporaneidade. A solidariedade é uma das formas de expressão da dádiva, do dom e apresenta-se como ação multidimensional, onde obrigação e liberdade; interesse instrumental e desinteresse se interpõem e entrelaçam (Martins, 2017).

O universalismo do dom valoriza a solidariedade moral coletiva de caráter transcultural e presente, desde sempre, nas instituições primárias, como aqueles familiares, associativas entre outras. Nesse sentido, o universalismo do dom não é apenas uma engenharia teórica, mas uma condição ontológica necessária para os seres vivos construírem comunidades, independentemente do humano e do não humano (Martins, 2017, p. 167).

Marcel Mauss (2005) inaugurou uma nova forma de pensar as relações sociais: para haver troca econômica, as sociedades primeiras – as coletividades e não indivíduos isolados – criavam o laço, o vínculo, através da primazia deste sobre a troca mercantil, o que denominou de tripla obrigação: dar, receber e retribuir dádivas. Estas dádivas podem ser entendidas como um gesto solidário, um abraço uma escuta. De acordo com a sociologia maussiana, os sentimentos produzidos a partir da ação solidária, como o altruísmo e compaixão, seriam constructos sociais, sobretudo simbólicos, que integram os atores a uma dada sociabilidade (Mauss, 2005).

Nesta concepção, não se separa a realidade de seu significado. Todo ato humano contém em si significação. Ou seja, o agravamento das condições de quem mora na rua após o fechamento de lojas e comércio na pandemia levou algumas pessoas a olhar com mais compaixão para a população de rua. Isso levou à valorização de aspectos importantes para a formação dos laços, como a amizade, a doação e a fraternidade. A ordenação da

realidade pelo sentido que lhe é atribuído, apreendido na linguagem, é constitutiva. O mundo objetivo e o subjetivo consubstanciam-se em realidade mediante a simbolização<sup>6</sup>. Como uma categoria social de entendimento, a solidariedade indicaria assim caminhos profícuos de pesquisa para compreensão do significado do vínculo nas relações sociais e nas diversas formas de seus sentidos.

A forma de manifestação da solidariedade precisa fazer sentido para o outro. Vivenciado e expresso mediante formas instituídas coletivamente, tal sentimento se torna inteligível para o grupo social. Todas as expressões coletivas, de valor moral e de força obrigatória dos sentimentos do indivíduo e do grupo, formam para Mauss uma linguagem, que só pode ser apreendida se seus signos forem dominados por todo o grupo (Mauss, 1979, p. 337). As formas de expressão dos sentimentos não são naturalmente dadas, mas, têm a obrigatoriedade dos fatos sociais: *“mais do que uma manifestação dos próprios sentimentos, é um modo de manifestá-los aos outros, pois assim é preciso fazer. Manifesta-se a si, exprimindo aos outros, por conta dos outros. É essencialmente uma ação simbólica”* (Ibid., p.153). Ao tratar a realidade social como um universo simbólico, Mauss ressaltou o caráter inconsciente dos costumes, que passou a ser concebido sob a perspectiva da linguagem, uma vez que os indivíduos não têm consciência de suas regras (Caillé, 2002).

O movimento de ambivalência caracteriza a relação social defendida pela teoria da dádiva, na qual integram o interesse e a obrigação, mas também os simbolismos que circulam paralelamente como a amizade e a solidariedade. Esses vínculos sociais da dádiva são constituídos no ambiente de rua onde acontecem as ações solidárias do Coletivo “Unificados Pela População em Situação de Rua”. No tocante à solidariedade no contexto apresentado, existe de um lado, uma relação de troca entre os voluntários que doam tempo, atenção e cuidado, basicamente de caráter simbólico, traduzida em marmitas, roupas e material de higiene; e de outro lado, uma relação de gratidão por parte da população de rua, estando a primeira relação intimamente correlacionada à segunda. A reciprocidade, advinda do reconhecimento, de uma relação entre iguais, se dá pelo

---

<sup>6</sup> É conhecida a crítica à ausência da noção de sujeito no pensamento positivista de Durkheim, que reifica a noção de sociedade, de forma a suprimir a relação dialética entre esta e o indivíduo. Entretanto, sua formulação, tardia em sua obra, da sociedade como uma ordem simbólica (Durkheim, 2009), permitiu abrir o caminho, pela via da simbolização, para a articulação entre a dimensão social e a individual, posteriormente feita por Mauss (Caillé, 2002).

conceito de gratidão (Caillé, 2002). A reciprocidade desta relação observada no campo possibilitou a circulação das dádivas da palavra, da doação e da compaixão, a partir das interações sociais entre os voluntários e moradores em situação de rua.

Berger e Luckmann (1985, p.173) reforçam a importância de valorização das interações sociais ao afirmarem que o indivíduo não nasce membro de uma sociedade; e sim com predisposição para sociabilidade, tornando-se assim membro da sociedade. Sem a ligação emocional realizada pela socialização, o processo de aquisição de práticas e valores seria muito difícil. A solidariedade faz, destarte, parte do processo de socialização dos indivíduos. Doar e o receber integra o fazer solidário: ao doar refeições e roupas para os moradores em situação de rua, os voluntários recebem reconhecimento, e assim ocorre a circulação de dádivas.

A dádiva é, então, uma teoria e uma prática. É uma teoria, quando aparece como um mapa abrangente para explicar a natureza comum dos seres vivos e dos seres humanos, a qual se realiza pela dinâmica relacional no interior das espécies e entre as espécies. Mas o dom é uma prática, quando se revela como linguagem, como o dispositivo de tradução simbólica que articula diferentes processos de construção social e ambiental da realidade (Martins, 2017, p.177).

Durante duas visitas feitas na distribuição das refeições, foi verificado como ocorreu a tríplice obrigação (dar-receber-retribuir) no estabelecimento do vínculo social. A solidariedade em torno do sofrimento das pessoas em situação de rua foi um “bem” que circulou entre quem doava e quem recebia. Considerando que a sociedade é um todo composto por significações circulantes (gestos, palavras, sacrifícios, etc.), a apreensão da experiência levou em conta os diversos símbolos que articulam agência e estrutura em uma única rede. “*Tal perspectiva de uma totalidade que é ambivalente implica dizer que a criação do vínculo social ocorre no interior das práticas sociais*” (Martins, 2006, p. 102). Um sorriso inesperado, por exemplo, vindo de um morador após um corte de cabelo pôde ser entendido como um “bem”.

O entendimento da criação do vínculo social, por meio da aliança e da comunhão, pode ser uma ferramenta importante para o bom desenvolvimento da promoção de políticas públicas de proteção social à população em situação de vulnerabilidade, como a da rua. Como afirma Caillé (2002, p. 19), “*é dando que se declara concretamente disposto a tomar parte no jogo da associação e da aliança, e que se solicita a participação dos outros*”

*nesse mesmo jogo*". Assim, no constante estado de incerteza da dádiva há o espaço para a construção da confiança. O ciclo da dádiva converge, a partir da liberdade posta no dom, para o sentimento de dívida, e, conseqüentemente, devido à confiança depositada, surge a tendência da retribuição do dom, dando continuidade à ação (Martins, 2017). Dar, receber e retribuir, a partir dos exames de Mauss, faz parte de um círculo, uma totalidade, pois tem a capacidade de colocar o todo em movimento da sociedade.

Ao mobilizar indivíduos em vulnerabilidade social na garantia dos direitos fundamentais (acesso à saúde e proteção sanitária no enfrentamento à Covid-19), as ações solidárias do coletivo podem viabilizar uma importante saída da atual crise humanitária, diminuindo assim o sofrimento da população em situação de rua. A solidariedade se constitui, destarte, em um catalisador de ações positivas que leva os indivíduos a saírem do próprio egoísmo em direção ao outro. A prática da solidariedade também nos faz refletir sobre o estilo de vida insustentável adotado pela sociedade contemporânea, destacando a necessidade de mudança do paradigma utilitarista das relações sociais, sobretudo no que diz respeito às questões de convivência e formação de vínculo.

A prática do acolhimento e ação de amparo ao sofrimento à população de rua gerou sentimento de solidariedade coletiva, ganhando assim uma dimensão social de valorização do indivíduo. Ficar em casa e se manter isolado na tentativa de prevenção de uma possível contaminação pelo novo coronavírus não foi uma opção para a população em situação de rua da Região Metropolitana do Recife. Sem ter onde se abrigar, fazer refeições e manter a higiene diária se tornou uma tarefa praticamente impossível para essas pessoas.

### **Coletivo Unificado pela População em Situação de Rua**

A pandemia expôs a necropolítica<sup>7</sup> vigente no Brasil como política de controle social. A necropolítica, que mata em função de políticas neoliberais, subfinanciamento do

---

<sup>7</sup> Aqui usamos o termo cunhado pelo filósofo Achille Mbembe (2018), que reinterpretou o conceito da biopolítica de Foucault em que a administração da vida divide espaço com a administração da morte. Ou seja, é o modo como o Estado, por meio de suas políticas, decide quem vive e quem morre.

Sistema Único de Saúde e redução dos investimentos sociais, chega principalmente àqueles mais desassistidos socialmente. O discurso do inimigo interno é parte estruturante da necropolítica de “segurança” nacional (Mendonça, 2015). Não faltam dados para indicar que o tratamento nos serviços de saúde também é desigual. Aqui, a soberania define quem é descartável e quem não é (Mbembe, 2018). A distribuição desigual das oportunidades de vida e de morte que são base do modelo capitalista de produção impõe uma hierarquia em que uns valem mais que outros e aqueles, como os índios, os negros, as mulheres, os travestis ou moradores de rua, que não têm valor são simplesmente descartados (Estévez, 2018). Os diferentes marcadores sociais nos mostram que os grupos socialmente vulneráveis também são os mais afetados pela pandemia da Covid-19.

O impacto do novo coronavírus no Brasil reflete no agravamento das desigualdades sociais. A gravidade do quadro de pobreza no Brasil nos obriga a refletir sobre suas influências no social e nas políticas públicas, que ainda se ressentem de uma ação mais expressiva. O aumento da miséria e o esgarçamento dos laços sociais fizeram surgir um sentimento de dever moral para mitigar os efeitos sociais aumentados pela pandemia. É nesse contexto que apareceram em todo o mundo diversas ações e grupos em prol de ações para ajudar o próximo, especialmente às populações em vulnerabilidade social. Sem domicílio, sem uma alimentação adequada e com dificuldades para realizar a higiene pessoal, a população em situação de rua ficou ainda mais vulnerável durante a pandemia imposta pela Covid-19.

O coletivo “Unificados Pela População em Situação de Rua” surgiu em 2016 com o intuito de agregar diversos grupos atuantes na luta pela defesa de pessoas em situação de rua e vulnerabilidade social. Devido à pandemia imposta pelo novo coronavírus, foi desenvolvida a campanha *#todospelarua*, uma ação emergencial que ganhou força nas redes sociais na tentativa de suprir algumas das necessidades mais urgentes de quem se encontra em situação de rua, com distribuição de marmitas, cestas básicas e oferecendo banhos, e não possui respaldo do governo nesse momento crítico.

Voluntários de diferentes idades, classe, raça e escolaridade se uniram para tentar minimizar os efeitos provocados pela pandemia, buscando arrecadações de produtos de higiene pessoal, alimentos e recursos financeiros para compra de materiais. Desde o início

da quarentena e do isolamento social em março de 2020, o objetivo principal do coletivo foi fornecer banho e refeições diárias para essas pessoas, mas com o passar do tempo as ações foram se expandindo.

A voluntária Magnólia, 32 anos, solteira, é uma das 12 coordenadoras do coletivo “Unificados Pela População em Situação de Rua”, que antes era formado por um pequeno grupo de *WhatsApp* com poucas pessoas, que realizavam trabalhos voluntários em alguns pontos da Região Metropolitana do Recife. Com o início da pandemia da Covid-19, ganhou corpo e resolveu atuar de maneira mais específica. Divididos em cinco setores, o coletivo organiza escalas para 700 voluntários nos pontos fixos e rondas toda semana. O coletivo se expandiu, aglutinou grupos voluntários para ampliar a frente de atuação.

Organizações institucionais e outros grupos da sociedade civil se somaram ao coletivo “Unificados Pela População em Situação de Rua” e estabeleceram diversas parcerias importantes. São eles: o Governo do Estado ao ceder o espaço do Antigo Colégio Liceu e o Armazém 14, onde são realizados os banhos, corte de cabelo e doação de roupas; a Igreja Católica, a Universidade Católica de Pernambuco (Unicap), os grupos “Samaritanos” e “Dois Pães e um Pingado”; além do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). Este último cedeu o espaço para a ação “Marmita Solidária”, que aconteceu diariamente entre março e julho de 2020, no Armazém do Campo Recife, no bairro de Santo Antônio.

Em julho, o formato de distribuição de marmitas mudou. O coletivo agora realiza rondas pela Região Metropolitana do Recife. São 10 rotas diárias entre jantar e café da manhã, num total de 800 quentinhas, que alcançam pessoas em situação de rua entre Olinda, Recife e Jaboatão, executadas por até 4 grupos diferentes por dia. Formada em Relações Públicas, Magnólia pretende cursar serviço social. Trabalha como voluntária auxiliando pessoas em situação de rua desde 2014.

Nos juntamos ao coletivo para atuar na pandemia. Iniciamos com marmita, apenas 50 pessoas, aí, começamos a crescer, a rede aumentar e hoje nós conseguimos beneficiar mais de 130 mil pessoas, com refeições, banho, nesses 3 meses de pandemia, de isolamento, onde a sociedade se isolou e as pessoas ficaram sem nenhuma assistência para alimentação, higiene (...) trabalhar como voluntária requer perseverança, porque trabalhar com pessoas em situação de rua não é fácil. Cada um tem a sua

essência, cada um tem a sua luta. É reponsabilidade nossa ajudar essas pessoas<sup>8</sup>.

A voluntária acredita que cada pessoa é um agente de transformação. Por isso, a solidariedade provoca sentimentos nobres com quem precisa como a compaixão e “sensação de reciprocidade”. Como afirma a própria:

A solidariedade é um sentimento que gera compaixão e uma sensação de reciprocidade. Quem ajuda fica feliz, quem recebe a ajuda fica grato. E isso é muito bom. Muita gente que não trabalhava com isso, se juntou a nós sensibilizado pela situação causada durante a pandemia (...) a gente tem que contribuir para a sociedade em que a gente vive e deixar o individualismo de lado para ajudar a quem precisa. Isso me move. A ganância é superada com a compaixão. Nada vale mais do que ver o sorriso no rosto de um morador de rua... Devolver a dignidade.

Segundo um dos coordenadores da organização “Samaritanos”, que faz parte do coletivo, o objetivo é fortalecer esses grupos “pela necessidade de compartilhar experiências dos grupos envolvidos e apoio nas ações uns dos outros em benefício das pessoas em situação de rua”<sup>9</sup>. O grupo “Dois Pães e um Pingado” é outro Projeto Social que distribui café da manhã desde 2016 em cinco capitais do Brasil, incluindo Recife, para pessoas em situação de rua. No início da pandemia passou a fazer parte do coletivo.

Em 2 de agosto de 2020, foi publicado no perfil do “Unificados Pela População em Situação de Rua” um balanço da campanha em suas redes sociais (Instagram e Facebook) informando que, em 120 dias de atuação, foram distribuídas 220 mil refeições, 2 mil cestas básicas, 8 mil e duzentos banhos e kits de higiene distribuídos, 700 voluntários mobilizados e mais de 100 atendimentos jurídicos:

Chegamos ao marco de 120 dias. 1/3 do ano que passamos atuando diariamente prestando assistência à população em situação de rua e em meio a uma pandemia. Foi dia após dia que entendemos as principais demandas e necessidades de quem está nessa situação. Começamos com alimentação, depois banho, depois atendimento jurídico, depois atendimento de saúde, isso enquanto aprimorávamos e melhorávamos toda estrutura do que já estava acontecendo. O que conseguimos construir foi muito além do que qualquer um de nós imaginou! Tudo isso porque tivemos parceiros, voluntários, doadores e a própria população

---

<sup>8</sup> Entrevista realizada por meio do WhatsApp em 03 de julho de 2020 após contato telefônico.

<sup>9</sup> Entrevista dada por meio de WhatsApp em maio de 2020

em situação de rua nos dando apoio. Foram dias de muito esforços, dias que começaram antes do sol nascer e acabavam tarde da noite, foram dias intensos e cheios de responsabilidade de quem sabia que o que estava fazendo era levar esperança para quem muitas vezes já nem acredita mais. Obrigada você que dividiu parte desse ano com a gente! Seguiremos fortes e unidos e sempre lembrando do que fez a gente começar! <sup>10</sup>

No antigo Colégio Liceu, localizada na Praça da República, são atendidas cerca de 80 pessoas por dia. No local, são realizados cortes de cabelo, distribuição de roupas e banho. Ainda há uma equipe de saúde, fazendo os primeiros socorros e encaminhamentos para realização de exames em unidades de saúde. São ofertados ainda serviços jurídicos para auxílio emergencial, inclusive foi realizado um mutirão para tirar carteira de identidade de quem não tinha para que as pessoas pudessem dar entrada ao auxílio emergencial oferecido pelo Governo Federal, criado para minimizar os efeitos dos impactos sociais causados com a pandemia. São distribuídas cestas básicas, kit de higiene, álcool a 70%, máscaras. No período de três meses, foram distribuídas mais de 10 mil máscaras. Magnólia não imaginava que o coletivo fosse crescer tanto. Como a própria afirma:

Começamos com poucas marmitas, depois conseguimos aumentar, chegou o módulo do banho, as roupas limpas com o novo ponto de higienização, os cortes de cabelos, as cestas básicas, o atendimento jurídico e o acesso aos documentos e quem sabe onde vamos chegar? Conviver diariamente com pessoas em situação de vulnerabilidade é perceber que as necessidades são gigantescas, mas que o acesso ao básico muitas vezes já faz toda diferença. (...) ter acesso a documentação de identificação é ter acesso a dignidade. Muitas pessoas em situação de rua não possuem mais seu RG ou Certidão de Nascimento, alguns foram roubados e outros perderam. Por isso, queremos ajudar essas pessoas a tirarem seus documentos<sup>11</sup>.

As ações de solidariedade realizadas por mais de 700 voluntários de diversas classes sociais, raça, idade e escolaridade resultaram de um desejo moral e coletivo de mitigar os efeitos sociais causados pela pandemia. A dimensão moral do dom valoriza a

---

<sup>10</sup> A publicação pode ser acessada no link: <https://www.instagram.com/p/CDZS5euBuSU/> Acesso em 05 Ago. 2020

<sup>11</sup> Entrevista realizada por meio do Whatsapp em 13 de julho de 2020

solidariedade coletiva de caráter transcultural e promove as alianças sociais da vida em comunidade a partir dos rituais de confiança, amizade e solidariedade (Martins, 2017). A força da circulação das dádivas entre voluntários e pessoas em situação de rua da Região Metropolitana do Recife nos mostra a necessidade de compreender a sociedade sob a perspectiva da solidariedade como uma força moral coletiva. Elemento de um constructo social, a solidariedade é produzida socialmente e encarnada nas ações sociais gerais. Assim, podemos pensar que a ação solidária se manifesta no âmbito da liberdade, e está se manifesta na reciprocidade, evocando uma espécie de comprometimento ético do dever em sociedades e comunidades plurais.

### **Considerações finais**

A conjuntura social calamitosa causada pela pandemia da Covid-19, especialmente nas populações em situação de vulnerabilidade social, tem exposto um modelo social produtivista que compreende a vida como um longo processo de consumo e de descarte. A resistência da cultura utilitarista às normas coletivas e solidárias é sinônimo de desorganização dos laços sociais e comunitários (Martins, 2017). Na contemporaneidade, em que a lógica mercadológica e individualista prevalece, perceber ações solidárias para mitigar os danos sociais gerados pela pandemia reforça a importância da crítica antiutilitarista para pensarmos novas formas de sociabilidade, como a formação do vínculo social entre os indivíduos, que vão além da lógica do Estado e do Mercado.

As transformações sociais na contemporaneidade, que deixaram em segundo plano o vínculo social, valorizaram a racionalidade utilitarista (Caillé, 2001). Porém, essa perspectiva hegemônica não “extinguiu a necessidade humana fundamental de um impulso de afeição e espontaneidade nos relacionamentos com os outros.” (Elias, 1994, p.34). O sofrimento causado pelo novo coronavírus despertou o sentimento de solidariedade entre diversos grupos de voluntários que se transformou em ações concretas de ajuda coletiva. A população em situação de rua ficou ainda mais vulnerável. Foi neste cenário que movimentos populares e indivíduos criaram o Coletivo “Unificados Pela População em Situação de Rua”.

O que move o indivíduo em direção às práticas solidárias? A formação dos vínculos sociais, a partir da solidariedade como uma ação de caráter moral, mostra os modos de superação das questões aqui apontadas. Ao trazer o conceito de solidariedade, por meio da circulação de dádivas, percebe-se que a organização da sociabilidade entre voluntários do coletivo e moradores em situação de rua foi possível sob a perspectiva da circulação de dons, como gentileza, doação, sorrisos, gratidão e compaixão, favorecendo assim novas formas solidárias de ação.

Este constructo não está dado a priori, é apenas uma possibilidade de generosidade e de solidariedade inscrita na alma humana. Mas a possibilidade de a dádiva se efetivar como aliança é também uma ação política necessária para se organizarem os paradigmas e as instituições (Martins, 2017, p.192).

Martins (2001) defende uma política de solidariedade que radicalize o princípio da fraternidade e potencialize as possibilidades da invenção democrática em função do bem comum. Desta forma, a solidariedade que emerge nas ruas da Região Metropolitana do Recife no enfrentamento à Covid-19 tem assumido uma dimensão política na garantia de direitos fundamentais, podendo romper com o paradigma predominante do individualismo e do pensamento racional-utilitarista.

## **Referências**

BAUMAN Z. (1994). **Amor líquido: sobre a fragilidade das relações humanas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

BERGER, P.; LUCKMANN, T. (1993). **A construção social da realidade**. Petrópolis, RJ: Vozes.

BERCITO, Diogo. (2020). **Pandemia democratizou o poder de matar, diz autor da teoria da 'necropolítica'**. Folha de São Paulo, 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2020/03/pandemia-democratizou-poder-de-matar-diz-autor-da-teoria-da-necropolitica.shtml> Acesso em 28.07.2020

CAILLÉ, A. **Antropologia do dom: o terceiro paradigma**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

CAILLÉ, A. O princípio de razão, o utilitarismo e o antiutilitarismo. **Soc. estado**. Brasília, v. 16, n. 1-2, p. 26-56, Dezembro. 2001. Disponível em:

[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-69922001000100003&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69922001000100003&lng=en&nrm=iso) Acesso em: 09 Jul. 2020.

CAILLÉ, A. (2006). O dom entre o interesse e o desinteressamento. In: MARTINS, P.H.; CAMPOS, R.B.C. (Orgs.) **Polifonia do dom**. Recife: Editora da UFPE, 2006.

CAILLÉ A.; CHANIAL, P. (2016). “**Au commencement était la relation... Mais après ?**”, *Revue du MAUSS*, 2016/1 (n° 47), p. 5-25. Disponível em: <https://www.cairn.info/revue-du-mauss-2016-1-page-5.htm>. Acesso em: 20 Jul. 2020.

COLLINS, R. (2009). **Quatro tradições sociológicas**. Petrópolis: Vozes.

DURKHEIM, E. (2008). **Da divisão do trabalho social**. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes. Coleção Tópicos.

ELIAS, N. (1994). **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

ESTÉVEZ, A. (2018). **Biopolítica y necropolítica: ¿ constitutivos u opuestos?**. Espiral (Guadalajara), v. 25, n. 73, p. 9-43.

GIDDENS, A. (1991). **As consequências da modernidade**. São Paulo: Editora da Unesp; 1991.

GRAEBER D. (2002). **Marcel Mauss e o M.A.U.S.S.** In: Martins PH, organizador. *A dádiva entre os modernos: discussão sobre os fundamentos e as regras do social*. Petrópolis: Ed. Vozes. p.19-29.

LÉVI-STRAUSS C. (2008). Introdução à obra de Marcel Mauss. In: Mauss M. **Ensaio sobre a Dádiva**. Lisboa: Edições 70. p. 7-47.

MARTINS, P. H. (2017). A dádiva e o terceiro paradigma nas ciências sociais: as contribuições antiutilitaristas de Alain Caillé. **Sociologias**, Porto Alegre, v. 19, n. 44, p. 162-196, 2017 Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1517-45222017000100162&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-45222017000100162&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 09 Jul. 2020.

MAUSS, M. (2008). **Ensaio sobre a dádiva**. Lisboa: Edições 70, 2008.

MAUSS, M. (1979). **A expressão obrigatória dos sentimentos**. In: Mauss, M. São Paulo: Ática [1921] p. 147-53. (Grandes cientistas sociais, 11).

MBEMBE, A. (2018). **Necropolítica**. 3. ed. São Paulo: n-1 edições, 2018. 80 p.

VIEIRA AB, FURINI LA, NUNES M, LIBÓRIO RMC. (2010). Exclusão social: a formação de um conceito. In: Mellazzo ES, Guimarães RB, organizadores. **Exclusão social em cidades brasileiras: um desafio para as políticas públicas**. São Paulo: Unesp; 2010. p. 33-58